

AJ09062

A violência que pistoleiros profissionais implantaram há alguns anos em Ecoporanga trouxe como consequência não somente o desespero para muitas famílias de pequenos agricultores, mas também o declínio de sua população e de sua economia. Segundo cálculos recentes, em poucos anos a população, que era de 50 mil habitantes, caiu para uns 31 mil.

O êxodo rural é constante devido à falta de opção de trabalho para a sua população eminentemente rural. Toda a região transformou-se num imenso pasto, reinado da pecuária que não exige mão-de-obra. Os pequenos agricultores que ainda existem, estão vendendo suas terras ou posses e indo tentar uma vida melhor na Rondônia, para onde tiveram que ir os primeiros posseiros expulsos na época da violência dos pistoleiros. A cidade hoje praticamente não produz nenhum alimento. Cada pedaço de chão só tem uma finalidade: ser pisado pelos cascos dos bois.

Ecoporanga atravessa um rápido processo de empobrecimento

Reportagem de Graciano Dantas
Fotos de Enéas Mateus

A paisagem do Município de Ecoporanga é uma só. Pela estrada, que inclusive não tem indicação de que leva ao Município não se vê uma única árvore. Não se vê cultura de espécie alguma, nem homens trabalhando o campo. Além das montanhas no infinito, a única coisa que forma essa paisagem pobre é o gado pastando entre tocos de árvores queimadas.

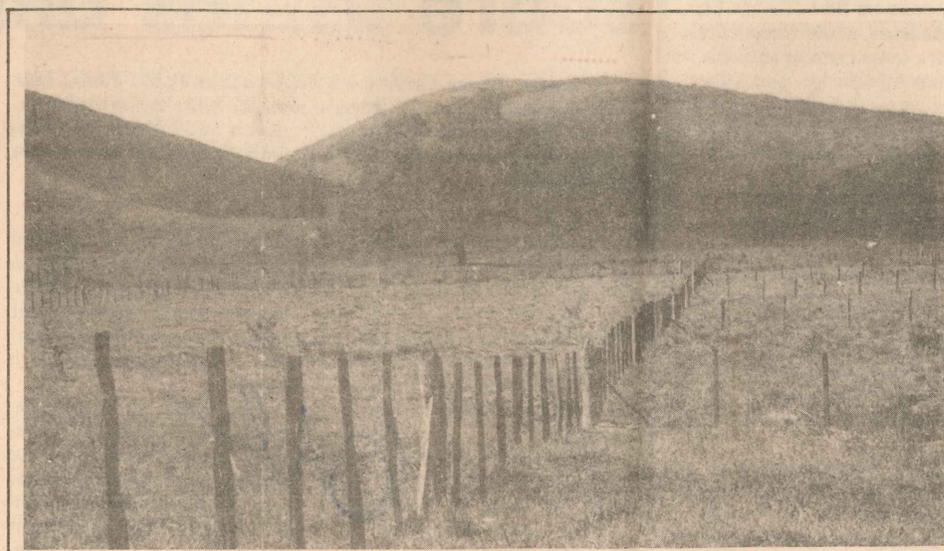
Na sede do Município, a primeira idéia transportando a riqueza de Ecoporanga, mas sim sua pobreza. Estavam

deram suas terras para a expansão das pastagens das grandes fazendas de criação de gado. Sem condições econômicas para imigrarem para Rondônia, tiveram como única opção a sobrevivência no trabalho temporário. É o padre José

Ecoporanga já foi grande produtora de arroz...

situação até privilegiada em comparação com os demais assalariados:

"Encontrei outro dia com um contratista, que depois de 3 anos plantan-



...hoje os pastos tomam conta de tudo

deixa revoltado o dono do bar da rodoviária:

"Aqui em Ecoporanga dá qualquer tipo de cana, eu mesmo já plantei

A paisagem do Município de Ecoporanga é uma só. Pela estrada, que inclusive não tem indicação de que leva ao Município não se vê uma única árvore. Não se vê cultura de espécie alguma, nem homens trabalhando o campo. Além das montanhas no infinito, a única coisa que forma essa paisagem pobre é o gado pastando entre tocos de árvores queimadas.

Na sede do Município, a primeira idéia que se tem é de uma cidade punjante. Caminhões carregados de toras de madeira e carretas para transporte de gado cruzam as curtas ruas que atravessam o vale onde foi fundada a cidade de Ecoporanga. As casas, em sua maioria, são de construção recente, espaçosas e aparentando propiciar bastante conforto a seus moradores. Construções típicas de uma cidade jovem e, pelo menos aparentemente, com uma economia forte.

A constatação de que essa pujança não passava de impressão, a reportagem de A TRIBUNA teve na primeira madrugada que passou na cidade. Menos de cinco horas da manhã, antes de clarear o dia chuvoso, o ronco de dezenas de caminhões invadem o pequeno quarto do Hotel Ecoporanga. Não estavam

transportando a riqueza de Ecoporanga, mas sim sua pobreza. Estavam subindo e descendo as ladeiras da cidade, recrutando os ex-agricultores que agora vivem nos arredores, nos morros, e que têm como único meio de sobrevivência o trabalho temporário nas poucas e pequenas lavouras de café, ainda existentes. Eram boias-frias que os caminhões transportavam.

FICAR É UTOPIA

Os boias-frias, depois dos vaqueiros, são as maiores vítimas de todo um processo de esvaziamento econômico que Ecoporanga começou a enfrentar a partir da violenta erradicação de sua agricultura diversificada. São pequenos agricultores, que viviam de uma agricultura de subsistência, que por alguns poucos cruzeiros ce-

deram suas terras para a expansão das pastagens das grandes fazendas de criação de gado. Sem condições econômicas para migrarem para Rondônia, tiveram como única opção a sobrevivência no trabalho temporário. É o padre José Manoel, que desenvolve um trabalho de base em Ecoporanga, quem fala do futuro dos boias-frias:

"É utópico pensar que existe alguma possibilidade de fixação dos boias-frias na terra. Na condição em que eles estão vivendo, completamente marginalizados, vivendo como assalariados mas sem as garantias que os demais assalariados têm, a única solução é a imigração para os centros industriais. E a preocupação da igreja no momento é justamente esta: prepará-los para partirem para a cidade".

Segundo o padre José Manoel, os assalariados do campo vivem em eterna insegurança, além do mais grave, em total miséria. Ele cita um caso em que um contratista de café, que tem uma

situação até privilegiada em comparação com os demais assalariados:

"Encontrei outro dia com um contratista, que depois de 3 anos plantando café, estava agora na eminência de perder o emprego e sem saber quando ou aonde conseguiria outro. Perguntei se estava dando para viver e ele, preocupado, respondeu que estava dando pra lamber".

Juvenil, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ecoporanga, também mostra a situação dramática dos boias-frias. Eles engrossam a mais recente estatística sobre os filiados ao Sindicato somando, juntamente com vaqueiros, a percentagem de 43,73 por cento. E são justamente os que mais exigem assistência do órgão. Segundo o presidente do Sindicato, eles trabalham sem a menor garantia, não têm contrato de trabalho, não têm salário família, fundo de garantia e nenhum outro tipo de assistência



prestada a qualquer outro tipo de trabalhador. Na sua opinião, a realidade vivida pelo trabalhador rural assalariado é a prática inversa da política do Governo de fixação do homem à terra".

O EX CELEIRO DO ESTADO

"Isto aqui já foi o celeiro do Estado — diz o presidente do Sindicato Rural —, agora é só capim. A produção de arroz aqui era uma coisa fabulosa. Plantava-se também muito feijão, milho, verdura. Com a expansão da pecuária, os pequenos agricultores foram deixando suas terras. Os que tinham algumas posses, foram para Rondônia. Quem não tinha nada ficou por aqui mesmo esperando a oportunidade de ir para Vitória. Muita gente, foi

para Aracruz empregar-se na fábrica de papel. O êxodo rural continua, por isso, tudo que se consome aqui vem do Ceasa de Colatina. Aqui não se produz mais nada, isto virou um imenso curral, só os bois têm vez".

O proprietário do Hotel Ecoporanga, o ex-prefeito Messias, tem opinião idêntica a do presidente do Sindicato:

"Aqui agora só tem boi. No entanto, um quilo de carne custa Cr\$ 120. A gente tem que comprar um pedacinho só. Aqui, que já foi terra do arroz, o povo está pagando Cr\$ 35 o quilo pelo arroz que vem de fora. O povo está morrendo de fome. Você acha que o pessoal dos morros (boias-frias) pode comer carne, pode comer arroz? Há muito tempo eles estão comendo só canjiquinha".

USINA DE AÇÚCAR

Sebastião, o dono do bar da rodoviária, só não saiu da cidade ainda porque tem problemas de saúde. Os mesmos problemas que o obrigou a largar a agricultura para se tornar comerciante e que já fez com que ele se submetesse a duas operações cirúrgicas. Segundo ele, até para fazer uma polenta hoje em Ecoporanga se usa fubá importado de outras cidades.

Uma coisa difere Ecoporanga das outras cidades em processo de empobrecimento. É que na região, onde praticamente não se produz cana, tem pouca cachaça. Atualmente só existe um alambique (legalizado) em funcionamento. Mas não é o fato de ser um Município onde a cachaça praticamente inexistente que

deixa revoltado o dono do bar da rodoviária:

"Aqui em Ecoporanga dá qualquer tipo de cana, eu mesmo já plantei diversas variedades e todas se deram muito bem no tipo de terra que temos aqui".

Ao ser perguntado porque não se plantava cana na região, argumentou Sebastião: "Aqui todo mundo planta capim porque gado não dá trabalho, só lucro. Mas na época de agora, todo mundo sabe que cana vai dar muito mais lucro do que a carne. Tem o problema do petróleo que o Governo quer substituir pelo álcool, então cana já é uma lavoura boa. Acontece que ninguém planta porque aqui não tem uma usina de açúcar. O Governo que vai gastar dinheiro com usina atômica, deveria pensar em instalar aqui uma usina de açúcar, uma usina de álcool. Se fizesse isso, a riqueza voltaria à região".

Os pequenos agricultores resistem

Desafiando os cascos dos bois e o poder dos grandes pecuaristas de Ecoporanga, um diminuto número de agricultores continua resistindo ao abandono de suas terras. Alguns são proprietários, outros têm título de posse onde plantam principalmente café. São propriedades pequenas, ilhadas entre as grandes invernadas de Cotaxé. E por isso mesmo cobiçadas.

As pressões, as deserções e as idas para Rondônia continuam, como explica o padre José Manoel. Segundo ele, nos últimos meses, mais de 10 famílias embarcaram para a Amazônia:

"Essas 10 famílias aceitaram a indenização de Cr\$ 5 mil e foram para Rondônia. Uma delas voltou recentemente. O marido a mulher e os filhos andaram a pé mais de 2 meses, de Rondônia até aqui. Eles dizem que

lá tinha fartura, sim. Mas a malária acabou obrigando-os a sair. Todo dinheiro que tinham foi gasto com remédios e médicos e acabaram voltando".

São esses pequenos agricultores cercados pelos grandes fazendeiros que a igreja de Ecoporanga "sob a luz de Puebla e da CNBB", como explica o padre José Manoel, quer ajudar para que não sejam mais

uma vez injustiçados.

O TRABALHO DA IGREJA

O padre José Manoel afirma que tem uma visão muito superficial do problema, já que está em Ecoporanga há cinco meses. Mas durante esse pouco tempo, o que ele pôde notar foi a situação de instabilidade da maioria dos agricultores pelo risco que correm de serem obrigados a vender suas terras.

Foi a igreja quem começou a prestar assistência aos colonos, "procurando unir os



A região hoje só produz carne, mas sua população é muito pobre para consumi-la

pequenos para que não vendam suas terras", como ressalta o padre. Segundo ele, a atuação da igreja está na criação das comunidades de base, que reúne Grupos de Reflexão compostos por 4 a 10 famílias onde elas mesmas traçam uma ponte entre a Bíblia e a vida:

"Nossa tarefa é acompanhar a luta do povo de Deus. Eles mesmos caminham sozinhos, nossa missão é acompanhá-los", afirma o padre José Manoel.

Através dessas reuniões onde discutem seus problemas, os pequenos agricultores têm tomada consciência da importância de estarem unidos.

Em agosto, por exemplo, foi realizado em Ecoporanga, com a colaboração da Igreja Católica da Igreja Assembléica de Deus, o Primeiro Encontro de Líderes Rurais, onde os pequenos proprietários relataram o seguinte:

"São forçados a dispendar recursos para cercar suas terras para se livrarem das criações dos fazendeiros que têm toda facilidade para cercar suas partes, com altos financiamentos que os pequenos proprietários não conseguem, sendo, portanto, obrigados a vender suas glebas para integrar às grandes fazendas e fugirem para outros Estados a procura

de terra e paz".

Mas em situação pior do que os pequenos proprietários vivem os vaqueiros. Tanto o padre José Manoel como o presidente do Sindicato Rural, dizem que os vaqueiros vivem num regime que não difere muito da escravidão. Sobre eles ficou registrado nos anais do Encontro:

"Trabalham sem garantias, sem segurança e são convencidos a aceitar como boa a situação. Ao procurar a justiça são coagidos sobre todos os meios, sendo obrigados a aceitar migalhas em caso de rescisão de contrato de trabalho".